

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM LETRAS EM LIBRAS

ANTONIA RAILA DA SILVA

**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE
CASO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA**

CARAÚBAS-RN

2021

ANTONIA RAILA DA SILVA

**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: ESTUDO DE
CASO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA**

Monografia apresentada ao Conselho do Curso
Letras Libras da Universidade Federal Rural do
Semi-Árido, como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciatura em Letras
Libras

Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Ghisleny de
Paiva Brasil

CARAÚBAS-RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S586a Silva, Antonia Raila da .
AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO DE UM ALUNO COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA / Antonia
Raila da Silva. - 2021.
38 f. : il.

Orientador: Maria Ghislenny de Paiva Brasil
Brasil.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
2021.

1. Afetividade. . 2. Ensino/Aprendizagem. . 3.
Deficiência intelectual e auditiva. . 4. LIBRAS.
. I. Brasil, Maria Ghislenny de Paiva Brasil,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ANTONIA RAILA DA SILVA

**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: ESTUDO DE
CASO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Letras LIBRAS

Defendida e Aprovada em: 12/11/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Ghisleny de Paiva Brasil (UFERSA)
Orientador – Presidente

Profa. Esp. Izabela Apolinário da Costa (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Me. Francisco Ebson Gomes Sousa (UFERSA)
Membro Examinador

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e aos meus verdadeiros amigos que, em nenhum momento desta trajetória, me deixaram desistir.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a **Deus** que me sustentou e permitiu chegar até aqui, mais uma etapa da minha vida que está se encerrando. Ao recordar todo o percurso que quero e tenho tanto o que agradecer, não somente por ter vencido os desafios, mas por tudo o que me afetou ao longo do caminho, tanto quanto as coisas boas aconteceram e me fizeram crescer.

Gratidão a **minha família**, minha maravilhosa família, que se eu nascesse outra vez queria nascer nela de novo, só para ser novamente neta de **Francisca Rita** (*in memoriam*) a pessoa que mais me ensinou sobre o amor, pois foi com ela que senti que amei alguém de verdade, Deus colheu ela, mas o amor que deixou em mim, me afetou para sempre. É certo que para tudo completo só falta ela, pois não poderei debruçar minha cabeça em sua barriga e dizer que tudo deu certo, apesar que, afetada pelas situações da vida e pelo tempo, ela não entenderia em suma, mas alisaria minha cabeça e iria sorrir, mas em pensamento eu compartilho isso com ela.

Agradeço por ser filha de **Maria de Zé de Ana**, que apesar de não ter e não compreender bem a importância dos estudos, enfrentou as dificuldades da vida e conseguiu sustentar seus filhos. Se eu nascesse de novo, queria ser de novo dessa família, para, de novo, viver a delícia de ter os melhores irmãos do mundo, sem eles eu não seria quem sou e nem teria a força que tenho. Hoje olho para tudo e vejo o quanto sou abençoada e quanto tenho a personificação do amor de Deus em minha vida, só tenho a agradecer.

Aos **meus filhos pets** que durante o processo de perda da minha avó foram essenciais para eu não adquirir depressão, como também nos momentos de estresse da faculdade foram muitas vezes minha dose de calmaria.

A minha primeira graduação foi constituída pela afetividade de viver, tudo que aconteceu me afetou de alguma forma, muitas vezes me senti fragilizada e ansiosa, mas foram os afetos, e experiências que me transformaram de uma forma que jamais poderei ser quem eu era antes. Nessa estrada eu conheci pessoas que deixaram muito em mim, muitas passei admirar e outras fincaram residência no meu coração.

Ganhei amigas, irmãs como **Daniela** (Minha Dani), minha dupla com quem aprendi tanto e me fortaleceu em um dos momentos de maiores crises existenciais

no curso. Os acontecimentos da vida não me permitiram acompanhar Dani na vida acadêmica, mas ela nunca deixou de ser do meu coração, eu amo e só posso agradecê-la por sempre que preciso me ajudar. **A minha turma de origem**, fico feliz por ver que eles venceram e estão colhendo os bons frutos.

Agradeço **a minha segunda turma** que me acolheu quando me separei da minha turma de origem, turma essa onde conheci pessoas tão especiais, que adquiri tanto apreço e troquei aprendizados. Nessa turma eu conheci a pessoa que mais tarde seria muito mais que amiga, uma irmã de alma, quem tanto me fortaleceria e seria tão próxima, compartilhamos o amor mais bonito, o amor da avó uma da outra. **Sunamita** foi e é um cuidado do amor de Deus para minha vida, que me ajuda e sempre está por perto quando tudo parece desabar, daria tópicos e tópicos se eu fosse falar da gratidão que sinto, gratidão a Deus para a fortaleza que mandou através da vida dela para mim, na graduação e na vida e por descobrir que somos primas.

Aos professores da área de Libras João batista, Niáscara Valesca, Márcia Fernandes, Mariane Linhares, Izabela Apolinario, Isabelle Fagundes, Ebson Gomes, Jéssica Girlaine que contribuem tanto para o nosso desabrochar e desenvolver, que buscam para os seus alunos estratégias para fazer do processo de ensino melhor, agradeço a oportunidade que tive de aprender com cada um neste curso tão importante e tão modificador para toda a comunidade ouvinte e surda, que é o curso de Letras Libras. Quero destacar os professores Ebson Gomes e Izabela Apolinario por aceitar o convite para participar da banca examinadora e assim contribuir para o aprimoramento desse trabalho. Foi muito gratificante!

Profundos, sinceros e especiais agradecimentos à minha orientadora, a professora **Ghisleny Brasil**, uma pessoa que coloca amor em tudo que faz e tem prazer em lecionar. Costumo dizer que não fui eu que a escolhi, e sim Deus, pois sempre demonstrou compreensão, cuidado e incentivo no processo de desenvolvimento dessa pesquisa, principalmente nos meus momentos de ansiedade. Tenho muita admiração e carinho, muito grata por aprender com ela na sala de aula, nos corredores, nas conversas casuais e no **grupo de pesquisa Formação Continuada em Colaboração**, grupo esse que também aprendo tanto quando nos reunimos, com pessoas tão especiais.

Ao meu aluno que participou da pesquisa, que me fez professora, sem dúvida alguma, eu aprendi mais com ele, do que ele comigo. Afetividade no processo

de ensino foi essencial para mim e para ele, sou muito cativada e me tornei uma profissional melhor por essa experiência com ele.

Por fim agradeço **a cada pessoa que encontrei no meu caminho**, aquelas que estiveram desde o início, que encontrei durante e que chegaram agora, também as que ainda irei encontrar, pois sei que cada pessoa que temos contato nos afeta e nos modifica. Aos meus verdadeiros amigos, que nos apoiam e somam na vida da gente. Enfim, agradeço pela afetividade existir, pois se ela não existisse, eu não existiria, não a teria experienciado e seria sempre a mesma pessoa.

“Não se pode falar de educação sem amor” Paulo Freire

RESUMO

A importância da afetividade no desenvolvimento humano, baseia-se na afirmação que o homem desde o seu nascimento é envolvido pelo afeto, entendido aqui como um comprometimento pessoal do educador e também profissional, muito além da amizade e do carinho. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta de forma reflexiva a experiência entre professora e um aluno que possui deficiência intelectual e auditiva. O estudo tem como objetivo investigar a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual e auditiva. Através da experiência vivenciada, faremos reflexões sobre a prática afetiva na sala de aula com o ensino de Libras, e como esta pode trazer bons resultados para a prática docente. A pesquisa é de abordagem qualitativa e se configura como um estudo de caso, usando como base teórica autores como: Wallon, (1979), Vygotsky, (1896-1934), Krashen (1985) Figueiredo (1995), Ferreira (1999) Freire (1996) entre outros que trazem contribuições sobre a importância da afetividade em sala de aula, Larrosa (2002) com o saber da experiência, Skiliar, (1997) no ensino de Libras. Desse modo a pesquisa traz importantes reflexões sobre como a afetividade pode trazer bons resultados para o ensino aprendizagem e contribuir para a efetivação da prática afetiva na sala de aula.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino/Aprendizagem. Deficiência intelectual e auditiva. LIBRAS.

ABSTRACT

The importance of affectivity in human development is based on the statement that men are involved in affection since their birth, understood here as a personal commitment of the teacher and also a professional, far beyond friendship and affection. In this sense, this work presents in a reflective way the experience between a teacher and a student who has intellectual and hearing disabilities. The study aims to investigate the importance of affectivity in the teaching-learning process of a student with intellectual and hearing disabilities. Through the lived experience, we will reflect on the affective practice in the classroom with the teaching of Libras, and how this can bring good results to the teaching practice. This research has a qualitative approach and is configured as a case study, using as theoretical basis authors such as: WALLON, (1979), VYOSTSKY, (1896-1934), KRASEN (1985) FIGUEIREDO (1995), FERREIRA (1999) FREIRE (1996) among others that bring contributions on the importance of affectivity in the classroom, LARROSA (2002) with the knowledge of experience, SKILIAR, (1997) in the teaching of Libras and authors such as VASCONCELOS (2004), HONORA & FRIZANCO (2008), VYGOSTSKY(1997) who study about intellectual disability. Thus, the research brings important reflections on how affectivity can bring good results for teaching and learning and contribute to the realization of affective practice in the classroom.

Keywords: Affection. Teaching/Learning. Intellectual and hearing impairment. LIBRAS.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AEE – Atendimento educacional especializado

DA – Deficiente Auditivo

DI – Deficiência intelectual

EJA – Educação de jovens e adultos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	12
3 ENTENDENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA	16
3.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI).....	16
3.2 DEFICIÊNCIA AUDITIVA (DA)	17
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	20
4.1 PESQUISA QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO.....	20
4.2 LÓCUS E PARTICÍPES DA PESQUISA	21
5 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA NA TESSITURA DA AFETIVIDADE	23
5.1 SENTIMENTOS E ENSINO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA.....	28
5.2 O AFETO QUE EDUCA.....	32
5.3 AUTO REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA.....	33
6 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	34
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino aprendizagem envolve fatores determinantes para acontecer uma boa aprendizagem para cada aluno, como o próprio nome diz, é um processo que sempre está em evolução e para essa evolução acontecer é muito importante a qualidade das relações que se estabelecem. A relação entre professor e aluno precisa ser levada muito a sério quando se pensa no desenvolvimento escolar significativo.

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Portanto é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos.” Dessa forma podemos perceber que “O ensino visa estimular, dirigir, incentivar, impulsionar o processo de aprendizagem dos alunos (LIBÂNEO, 1994, p. 90).

Segundo o autor, a relação entre professor e aluno não deve ser somente aquela de dar e receber conteúdos, ambos precisam se entender, o aluno precisa cumprir seu dever como aluno e o professor como professor, porém, sem transparecer uma autoridade ríspida, é necessário ter um incentivo no processo de ensino aprendizagem e pensar na prática afetiva é uma boa alternativa.

A forma como o discente é afetado ao ser ensinado traz muita relevância no seu desenvolvimento, pois não adianta somente receber os conteúdos e não se sentir confiante para se desenvolver com eles, é através da relação entre aluno e professor que determinará isso, por isso relacionar o processo de ensino aprendizagem com afetividade é importante para fazer da sala de aula um lugar de mais possibilidades.

Nesse contexto, a afetividade além de ser importante para a vida pessoal também pode ser uma boa aliada para o professor em sala de aula, pois influencia na maneira como o sujeito aprende. Compreender a importância que a afetividade tem na sociedade e na sala de aula, é um dos fatores essenciais para entender a o porquê deste trabalho.

Sendo assim, o presente trabalho trará a experiência da professora e também autora da pesquisa com um aluno que tem deficiência intelectual e auditiva. Entendemos que todos tem suas habilidades e limitações na hora de aprender e que quando o professor as conhece, torna-se mais fácil criar estratégias para facilitar o

processo de ensino aprendizagem. As limitações e especificidades do aluno participante dessa pesquisa nos despertaram um olhar mais sensível para perceber que as habilidades e dificuldades são mais específicas que dos alunos considerados normais.

A partir disso, a afetividade será abordada como elemento de suma importância para a vida e também no âmbito escolar, além das contribuições que esta pode trazer para o processo de ensino/aprendizagem. O estudo tem como objetivo investigar a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual e auditiva.

Baseando-se em teóricos que falam da afetividade no âmbito escolar e em especial na sala de aula, tais como: Wallon, Vygotsky, Freire e outros, analisaremos como através da prática afetiva foi possível se construir uma melhor relação entre professor-aluno e as possibilidades para um ensino/aprendizagem mais prazeroso e eficaz, como também, para fazer uma reflexão sobre o significado da experiência. É uma pesquisa qualitativa e se configura como um estudo de caso, os recursos utilizados foram as observações e anotações.

O estudo está dividido em seis sessões: na primeira, a Introdução com elementos gerais sobre a pesquisa; a segunda, discorre sobre a afetividade no processo de ensino aprendizagem; a terceira, busca entender a deficiência intelectual e auditiva; a quarta, apresenta o percurso metodológico; na quinta, os dados construídos e por último, as considerações finais. O esperado é que o referido trabalho possa ajudar a cada vez mais os educadores a aderir as práticas afetivas.

2 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Nesta sessão, traremos ao leitor reflexões sobre a afetividade, convidando a pensar sobre a importância que a afetividade tem na vida de cada sujeito e como essa é importante na sala de aula, conversaremos com teóricos que apostam na importância que a afetividade tem na nossa vida e no quanto é um aspecto importante para o processo de ensino aprendizagem e que encurta distâncias que possam existir entre professor e aluno.

Se nos baseamos sentimentalmente, quando falamos ou pensamos na palavra afetividade, podemos associar a muitas coisas, como a um abraço, um beijo, um gesto de carinho, um sentimento que nutro por alguém ou que alguém nutre por mim, uma gentileza numa tarde de domingo ou numa segunda qualquer, o que nos afeiçoa ou nos toca posso guardar na memória e fazer disso uma memória afetiva.

No dicionário temos o conceito de afetividade como qualidade ou caráter de afetivo (FERREIRA, 1999), se penso na afetividade como qualidade, considero a importância que essa tem em mim e para mim, faço da afetividade importante para receber tudo o que me afeta e a partir do meu caráter afetivo será como afeto os outros ao qual me relaciono no dia a dia, casualmente ou uma vez na vida.

Todos os dias nos relacionamos em sociedade e estamos afetando alguém com a nossa forma falar, olhar, de agirmos ou que algumas vezes nos silenciemos. Não somos sozinhos no mundo e acredito que não conseguiríamos ser, existimos porque antes de nós já existia o outro. Nossas relações com os outros é que nos faz ser quem somos e isso acontece por causa da afetividade.

Sabemos que o primeiro contato com a afetividade acontece no seio familiar, com o cuidado que normalmente os pais esperam no nascimento dos filhos, onde essa afetividade é traduzida em amor, a forma que a criança vai sendo cuidada afetivamente nas relações familiares, influencia no tipo de emoções que esta irá ter, pois como explica Ferreira (1999), a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos experimentados e vivenciados sob a forma de emoções e de sentimentos de dor, prazer, satisfação, agrado, desagrado, alegria ou tristeza. Quando crianças as emoções que recebemos e a forma como somos afetados por elas influenciam muito sobre nós e assim é ao longo da vida.

Se a afetividade tem relação com emoções, sobre quem somos ou quem podemos nos transformar é porque essa tem ligação com nosso cognitivo e o nosso cognitivo com a nossa aprendizagem, é na família que recebemos os primeiros estímulos para isso, porém, sabemos que chega o momento de vivermos no meio social e normalmente esse primeiro contato é na escola, onde começam a acontecer novas relações que já modifica quem já somos e essa modificação acontecerá de acordo com a forma que fomos afetados anteriormente no seio familiar, as relações afetivas recebidas antes comprometem positivamente ou negativamente o processo de aprendizagem do aluno e a forma que o professor o recebe e o instiga será importante para a continuação ou início desse processo de aprendizagem e será através da forma que o professor a feta esse aluno que fará esse processo ser prazeroso ou não. De acordo com Cunha (2008, p. 4):

Um educador mal preparado para observar a alma infantil e o dinamismo das nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode calcar a sua natural necessidade para o aprendizado escolar e, conseqüentemente de expressar-se. É necessário manter a prodigiosa aptidão da criança que, enquanto vive plenamente, aprende.

Em concordância com o autor citado é necessário que o professor tente conhecer o melhor possível o aluno, sobre suas necessidades, habilidades, se possível sobre seus anseios, medos e bloqueios, para assim poder pensar melhor como chegar no aluno e fazer dele um território de muitas possibilidades, tornar o processo de ensino aprendizagem leve para o aluno também reflete leveza ao professor para ensinar e não é somente com os conhecimentos teóricos adquiridos sobre os conteúdos que o professor conseguirá isso, pois cada aluno e professor tem dentro de si emoções, por isso se pensar e ter a prática docente afetiva é muito importante.

A afetividade na sala de aula vem para auxiliar o educador na hora da prática docente, criando um vínculo entre professor e ajudando o aluno a romper os bloqueios. Segundo Wallon (1979), duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência.

A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto (WALLON, 1979, p.1).

Entende-se que todas as relações são permeadas de afeto que muito toca na hora de tomar as decisões, como também, no momento de aprendizagem de cada pessoa, a teoria de Wallon relaciona o sujeito com o meio, a emoção, a inteligência e movimento, na sala de aula, a afetividade tem sua importante função, se manifestada de forma correta, pois possibilita muitos outros novos caminhos, melhora a comunicação, encurta distâncias e rompe bloqueios.

No processo de ensino e aprendizagem, o afeto não vitimiza, pelo contrário, no âmbito escolar, a afetividade possibilita ao sujeito, construir sua autonomia e aprender de forma que aconteça modificações na sua vida emocional, social e escolar.

Quando a prática afetiva acontece, quebram-se as barreiras entre professor e alunos, cria-se uma melhor relação entre estes, o processo de ensino aprendizagem se torna mais proveitoso, pois a boa relação entre professor e aluno na sala de aula faz muita diferença. Uma vez que o aluno consegue ter mais confiança no professor e assim se permite aprender com uma certa tranquilidade, pois, caso contrário quando o aluno se encontra inseguro, estressado e desmotivado, este não consegue aprender com uma mesma eficácia.

Ao refletir sobre a importância dessa boa relação entre aluno e professor através da prática afetiva, uma importante teoria importante é a do filtro afetivo de Krashen (1985), que é influenciado por vários fatores no momento de ensino e aprendizagem de qualquer aluno. O filtro afetivo é considerado um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o input adquirido compreensível que eles recebem para a aquisição da língua (KRASHEN, 1985, *apud* ANTUNES, 2008).

Para Krashen (1985) a aprendizagem está ligada ao filtro afetivo que cada aluno possui. Ainda segundo o autor, se o aluno está desmotivado ou estressado poderá apresentar dificuldades no processo de aprendizagem, pois seu filtro afetivo está cheio, impedindo que este possa receber novas coisas, é necessário que o filtro afetivo desse aluno esteja baixo, para se sentir confiante em aprender com seu professor e para isso é necessário que o professor tem interesse e paciência, tentar facilitar para o aluno sem perder a conduta de professor é o primeiro passo a ser dado.

Esse filtro afetivo influencia na aprendizagem, pois, todos nós somos pessoas que carregamos emoções que influenciam no nosso psíquico, se o filtro está cheio

não há flexibilidade para mais nada e por isso cuidar desse filtro afetivo é tão importante, principalmente para a aquisição de uma língua, uma possibilidade para esse cuidado acontecer de forma correta é a prática afetiva.

Assim, a prática afetiva permite um ensino aprendizagem mais significativo e prazeroso, onde o educador não é somente um sujeito que repassa conhecimentos adquiridos da área em que atua, mais ajuda o aluno a aprender esses conteúdos e a formar personalidade, mudar hábitos, controlar emoções e etc. Como também aprende com seu aluno.

Segundo Vygotsky (1987) o que nos organizam são as emoções, o que sentimos será refletido em nossas reações com o outro, o aluno que é estimulado a ter emoções que os façam sentir seguros sobre si tendem a demonstrar mais interesse e facilidade para aprender e este não conseguirá fazer isso sozinho, o professor precisa instigar o aluno, de forma que o afete positivamente, pois com quanto mais gosto o aluno estuda determinado conteúdo mais ele terá tendência de aprender.

Caso contrário quando o aluno apresenta emoções que o desestimulam é como se esse fosse bloqueado, encontrando mais dificuldades nos momentos de absorção dos conteúdos, para esse estudioso as emoções são e estão totalmente interligadas ao processo de ensino aprendizagem, são elas que movem com qualidade ou não o processo.

Após as abordagens feitas sobre a importância da afetividade na vida e em sala de aula sob a luz dos pensamentos dos estudiosos sobre o assunto, a próxima sessão irá explanar sobre a deficiência Intelectual e Auditiva, para que possamos compreender melhor sobre o comportamento do aluno pesquisado.

3 ENTENDENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA

Conhecer o aluno e as deficiências que esse tem é de suma importância para compreender a pesquisa, para isso, nesta sessão, traremos ao leitor bases teóricas sobre a deficiência intelectual e auditiva.

3.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)

De acordo com Vasconcelos (2004), a D.I. é uma das deficiências mais encontrada em crianças e adolescentes, atingindo 1% da população jovem. Por muito tempo, a pessoa com DI foi considerada um “retardado mental”, ou até mesmo que pessoas com essa deficiência Intelectual eram incapazes de aprender, por isso, eram impossibilitadas de frequentar a escola, algumas pessoas tinham receio de ter contato e por vezes estas eram excluídas do meio social.

Entendemos que cada pessoa possui comportamentos, habilidades e limitação diferentes enquanto sujeitos únicos, e que por ser assim a forma a qual cada um aprende é diferente e única também. Por isso, entender a deficiência que o aluno tem é importante e determinante na forma de ensiná-lo e que este pode e conseguirá aprender.

Um aluno com a deficiência intelectual não é um ser ao qual é incapaz de aprender, mais ao qual precisa de um processo de ensino aprendizagem mais pensado e organizado de acordo com suas necessidades. Primeiro é necessário saber que existem diferentes níveis de deficiência intelectual e que os comportamentos variam de acordo com esse nível. Respeitar a diferença de cada pessoa é importante para a aprendizagem.

Não existem ‘receitas’ prontas para o trabalho com alunos tanto com deficiência intelectual, ou com outra deficiência, quanto com os sem deficiência. Devemos ter em mente que cada aluno é um e que suas potencialidades, necessidades e conhecimentos ou experiências prévias devem ser levados em conta, sempre (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 107).

É importante encorajar o aluno com deficiência intelectual a superar suas dificuldades e incentivar sua autonomia. Conseguir isso, pode levar um tempo, por

isso, conhecer o seu aluno é muito importante para o educador dar um primeiro passo positivo no processo de ensino.

Para Vygotsky (1987), há potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência. O aluno com deficiência intelectual pede um pouco mais de paciência no seu processo de ensino/aprendizagem, seus comportamentos diferem dos outros que não possuem, é necessária muita paciência para incentivar a socialização desse aluno, principalmente quando não convive diariamente com determinada pessoa, este também apresenta dificuldade de se concentrar em algo.

Apesar das necessidades que os alunos com deficiência intelectual possuem, com estratégias é possível conseguir muitos resultados positivos com eles, pois estes também possuem muita capacidade para aprender determinadas coisas. Abordar sobre a deficiência intelectual é importante na pesquisa para que possamos compreender o porquê do comportamento inquieto do aluno, como o mesmo também tem deficiência auditiva, no próximo item enfatizaremos esse aspecto.

3.2 DEFICIÊNCIA AUDITIVA (DA)

De acordo com Gagliardi e Barrela (1986) a deficiência auditiva é um tipo de privação sensorial, cujo sintoma comum é uma reação anormal diante do estímulo sonoro. A deficiência auditiva é a perda parcial ou total da capacidade de detectar sons. Pode ser ocasionada por condições congênitas ou adquiridas, lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo, costumando ser compensada com ajuda de aparelhos e acompanhamento terapêutico. O aluno com deficiência auditiva tem a mesma capacidade de aprender que um aluno que não tem essa deficiência e aprender é um direito de todos.

Porém, a publicação da atual LDB (Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional), a lei nº 9.394/96, em seu capítulo V, inova ao tratar especificamente da Educação Especial, na qual preconiza que a mesma deve ser oferecida “preferencialmente” na rede regular de ensino, e quando necessário, deve haver apoio especializado. Ainda reconhece que a escola deverá ser responsável pelo desenvolvimento de ações que possibilitem a aprendizagem destes alunos (BRASIL, 1996).

É de cunho responsável da escola, incluir o aluno que tenha necessidade ou não, mais os que possuem alguma necessidade por lei precisa ter um atendimento especializado para ter mais possibilidade de desenvolvimento na sua aprendizagem.

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. [...]

§ 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas.

Art. 3º São objetivos do atendimento educacional especializado:

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;

II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;

III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem;

IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2011, p. 2).

O aluno com deficiência, necessita ser incluído na sala de aula de ensino regular e ser matriculado também no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para ser atendido de acordo com suas especificidades, o professor do AEE ainda que não tenha uma formação área da educação de surdos, precisa ter interesse em conhecer e aprender Libras, para conseguir ter uma comunicação com o aluno com DA, como explica Skliar (1997, p. 141):

A língua de sinais constitui o elemento identificatório dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua, já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolveram as competências linguísticas e comunicativa - e cognitiva - por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos.

Conforme o autor, o ensino de Libras facilita a aprendizagem do aluno com deficiência auditiva, pois há uma identificação por parte da comunidade surda. Assim como os alunos ouvintes se identificam e aprender melhor com o português, ao

conhecer a língua de sinais o aluno auditivo tem muito mais capacidade de organizar ideias que ajudam a desenvolver o seu cognitivo.

De fato, é muito importante que o professor conheça as necessidades de seu aluno para que assim possa buscar estratégias que proporcione aprendizagem ao mesmo, para isso ser possível o primeiro passo é interagir com o aluno, como explica Vygotsky (1987) a condição humana não é dada pela natureza, mais construída ao longo de um processo histórico-cultural pautado nas interações entre homem e meio. Toda pessoa que tem ou não deficiência se desenvolve a partir das relações que são oportunizadas ao longo da vida e no âmbito escolar não é diferente, se relacionar de forma correta com o aluno é relevante no processo de ensino/aprendizagem.

No caso do aluno D.A. no estudo em foco, o ensino de Libras - Língua Brasileira de Sinais é indispensável para ajudá-lo no seu desenvolvimento linguístico

Pensando nisso, é essencial falar da contribuição que o curso em tela, trouxe para toda comunidade, ou seja, a comunidade ouvinte caraubense passou a conhecer melhor a comunidade surda, como também, a ter um maior contato, o curso foi um despertar para a comunidade surda, que passou a ser mais valorizada e respeitada na educação, há uma parceria entre comunidade acadêmica e surda, onde os surdos passaram a frequentar a universidade e ganhar mais vez e voz.

Os conhecimentos teóricos sobre as deficiências do aluno são muito importantes para o professor que ao conhecer as limitações pode a partir de então criar estratégias para desenvolver práticas com o aluno. A próxima sessão será um convite a conhecer o percurso metodológico da pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesta sessão enfatizamos o percurso metodológico da pesquisa. Inicialmente caracterizamos a pesquisa qualitativa e o estudo de caso, em seguida apresentaremos os partícipes da pesquisa que foram de suma importância para a elaboração deste trabalho, e por fim trazemos os instrumentos de investigação que foram utilizados para que este estudo fosse realizado.

4.1 PESQUISA QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e se configura como um estudo de caso, pois foi desenvolvida a partir das experiências vivenciadas pela autora com um aluno no seu processo de ensino aprendizagem no ano de 2019 que até então era um momento diferente do que estamos vivendo atualmente, em que as aulas eram presenciais, sendo possível ter um contato físico entre os participantes da pesquisa.

Para melhor entender a pesquisa é importante compreender sobre os objetivos que a pesquisa qualitativa e estudo de caso possuem. A pesquisa qualitativa tem por objetivo refletir sobre as razões pelas quais a pesquisa foi realizada. As informações descritas neste tipo de pesquisa são descritas de forma detalhada e o autor tem importante participação e mais liberdade para expressar suas opiniões (OLIVEIRA, 2001)

De modo qualitativo, a pesquisa permite ao pesquisador, transmitir ao leitor, da forma mais profunda possível, quem são os participantes, “[...] o cenário real em que a pesquisa é realizada, permitindo que as diferentes visões sejam aceitas, possibilitando a formação de novos significados para o contexto histórico e social” (CRESWELL, 2010, p. 43).

Sendo qualitativa, esta pesquisa se delinea como estudo de caso, por ter como objetivo mostrar a “complexidade” de um caso verídico, expressando aspectos que contribuem para o estudo de determinado caso em sua totalidade.

O estudo de caso é um método de pesquisa que utiliza, geralmente, dados qualitativos, coletados a partir de eventos reais, com o objetivo de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto.

Caracteriza-se por ser um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos (YIN, 2009, p.1).

O autor explica que o estudo de caso tem ligação com a pesquisa qualitativa por ter objetivos iguais e relevantes para compreender realidades englobando os contextos. Pesquisas delineadas com uso desse método são mais claras no sentido de ter menos possibilidades para equívocos, tornando mais fácil a assimilação, por trazer um maior detalhamento de informações. Nesse sentido, nossa pesquisa se desenvolverá a partir de um contexto real: a afetividade na prática pedagógica de uma professora junto a um aluno com deficiência intelectual e auditiva.

4.2 LÓCUS E PARTICIPES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Caraúbas no Rio Grande do Norte, cidade que fica a 303 km de sua capital, Natal. Especificamente em uma escola municipal que tem o ensino fundamental I, II e o EJA (Educação de Jovens e Adultos), a escola tem muitos alunos com deficiência.

O estudo tem dois partícipes: a autora da pesquisa e um aluno. A primeira é graduanda do curso de Letras/Libras da Ufersa, onde no momento da realização da pesquisa cursava o 6º período, a mesma teve a oportunidade de vivenciar tamanha experiência no referido curso através de uma parceria entre o curso Letras Libras da Ufersa e a Secretária Municipal de Educação de Caraúbas - RN, foi inicialmente contratada para atuar como bolsista intérprete de Libras, sendo sua primeira experiência profissional em sala de aula.

O segundo partícipe, o aluno que motivou a realização dessa pesquisa é deficiente intelectual e auditivo, e terá seu nome fictício de Erasmo, o nome foi escolhido casualmente por achar esse nome bonito e que ao pesquisar o seu significado encontramos nele uma carga afetiva, pois significa “o que gera amor”, amável”, “amoroso”.

É muito disso que o aluno significou e significa, a geração do amor pela a profissão docente, amor que apesar dos obstáculos me fez insistir, mesmo que por vezes estando eu insegura, acreditando que Erasmo um dia iria se permitir aprender algum conteúdo.

Erasmo é um sujeito extremamente amável quando constitui laços de confiança com alguém, ele reside na zona rural do município de Caraúbas, onde mora com seus pais e dois irmãos. No momento da experiência vivenciada o aluno constava idade de 14 anos e estava matriculado no 6º Ano do Ensino fundamental II da referida escola, onde tanto os seus colegas ouvintes como o mesmo nunca haviam tido contato com a Língua de sinais.

Ao conhecer os partícipes da pesquisa e entender como se fez o percurso para acontecer essa experiência, na próxima sessão, convida-se o leitor a conhecer um pouco da análise reflexiva da própria prática sob a luz da afetividade.

5 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E AUDITIVA NA TESSITURA DA AFETIVIDADE

As linhas finais da sessão anterior fala sobre convidar o leitor para conhecer um pouco de como aconteceu o processo de ensino aprendizagem do aluno, ao usar a expressão UM POUCO nas entrelinhas para tecer o texto é propositalmente para fazer uma ênfase de que ainda que eu quanto autora queira passar ao leitor em palavras como e o quanto a experiência que será relatada foi e é significativa para a minha vida profissional de docência e construção quanto ser humano, não conseguiria em suma relatar o quanto a prática afetiva me impactou de fato.

Somente os dois partícipes dessa pesquisa consegue se emergir na mesma, porém, vale a pena refletir em como e no que foi viver isso através da afetividade.

Para levar ao leitor da forma mais real possível esse processo, de como aconteceu e o que significou, foi necessário um despir, um desnudar da prática e dos afetos que me envolveram como partícipe e autora.

Confessar toda insegurança e fraqueza que ao longo do caminho existiu, do drible que a prática no chão da escola me deu, confessar que estava preparada para chegar na escola, interpretar para o aluno e sanar suas dúvidas com explicações em Libras caso surgisse, mais ao chegar se deparar com um aluno que não conseguia ficar muito tempo sentado na cadeira e que não tinha nenhum conhecimento de língua de sinais que tinha além da deficiência auditiva, deficiência intelectual.

Perceber que precisaria primeiro ser professora não foi o que me desestimulou no primeiro momento, pois o meu curso é para ser professora. De fato, o que mais me angustiou desde o início e até certo momento do processo é que se tratava de um aluno que não tinha a sala de aula como um lugar atrativo para ele, que nem os materiais mais lindos e novos o interessavam.

Talvez alguém ao ler esse trabalho possa me enxergar em algum momento como uma pessoa negativa que não acredita no potencial, mas se as angustias vividas não forem relatadas, eu quanto autora não estarei trazendo ao leitor como de fato aconteceu o processo, não estarei me despiendo. Na teoria muito se fala que o educador deve estar preparado para tudo que vai encontrar em uma escola, mais na prática é diferente, no experimentar da experiência tudo é real, na prática de fato se

vive as delícias e as dores de ser professor e é isso que eu te convido a fazer, viajar nessa experiência junto comigo.

A primeira semana foi reservada somente para fazer observações da rotina do aluno na escola, ver como era seu comportamento, que como previsto através dos relatos dos outros funcionários e professores, era inquieto e de poucos laços de confiança, como era sua interação com professores e colegas, com professores era consideravelmente mínima pela ausência de metodologias como o uso de Libras, outras tentativas para interação com o mesmo, era também um pouco precária por este não compreender o que os outros falavam através de tons mais altos. (Diário de bordo, 2019).

Como também era incompreendido quando queria algo ou se aproximar de alguém, apesar de não sofrer preconceitos severos e os colegas de Erasmo entender que ele era especial, as vezes acabava agindo com inocência com alguns, como quando ficava cutucando algum e este que quando era mais explosivo ficava chateado, o que deu para perceber que o primeiro necessitava para Erasmo era trabalhar o social.

As observações também aconteceram para tentar descobrir que possivelmente poderia chamar atenção dele, o que seria desinteressante para ele entre outras coisas que incluem e comprometem o processo de ensino aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual e auditiva, foi possível perceber que o que Erasmo mais gostava de fazer na escola era acessar o computador e que fazia isso com frequência, mais o detalhe é que só queria jogos ou vídeos de desenhos que gostava.

Nessa primeira semana pude perceber que o processo de ensino aprendizagem do aluno, exigiria um pouco mais de paciência pois este estava iniciando um processo de adaptação em sala de aula.

Na segunda semana começou a tentativa de conseguir confiança de Erasmo, poder chegar perto dele, para ele entender que quanto professora dele não estava ali para fazer mal e sim ajudá-lo a entender que a escola é um lugar para estudar e aprender. Mais como seria possível Erasmo aprender naquele momento afetado por todo contexto descrito anteriormente? (Diário de Bordo, 2019)

Sabia eu que não seria tão simples assim, que seria necessário por vezes se desdobrar, pois era um aluno que por ter deficiência intelectual iria requerer mais paciência e metodologias adequadas para esse aprender. Porém na inexperiência de vivenciar a primeira experiência profissional da docência, eu imaginei que demoraria menos para conquistar a confiança e algum resultado com aluno.

Até que chegou a terceira semana e mais uma tentativa surgiu, fazer Erasmo pegar em algum papel ou lápis, borracha, tesoura, qualquer material para que enquanto estivesse em suas mãos pudesse ser sinalizado o sinal do material para ele, aquela foi uma semana totalmente sem êxito. (Diário de Bordo, 2019)

Como era de se imaginar, conquistar a confiança do aluno não seria algo tão rápido pois a

Chegada a quarta semana ainda não preocupada resolvi fazer novamente as tentativas das semanas anteriores, observação, tentativas em conquistar a confiança, conseguir que este aceitasse algum material oferecido, e nada aconteceu. Quando a quinta semana chegou e também termino do mês (junto com o novo mês, novas angustias e inseguranças começaram a chegar também, pois já contabilizava um mês onde não havia acontecido nenhum voto de confiança, não havia conseguido êxito em nenhuma tentativa, o aluno não aceitava nenhum material, nem 20 minutos seguidos foi conquistado com esse aluno na sala de aula, só queria o computador. Se tentasse se aproximar do mesmo, esse respondia com empurrões e expressões de quem não estava se sentido na confortável com a presença do outro. (Diário de bordo, 2019)

Apesar do peso do mês anterior sem sucesso, mais uma tentativa surgiu, deixar a insegurança e medo de lado e continuar confiante. Então, mais uma semana passou, tentando conquistar trazendo alguma material interessante e nada, mais outra e nada, já eram quase um mês e meio então os comentários de que aquele aluno, comigo só andava e que só ficava parado quando estava no computador começaram a surgir de forma fragmentada por parte de alguns funcionários da escola.

Nesse cenário foi surgindo constrangimento, afetada pelos comentários e também pelas frustrações das tentativas, um dia ao chegar em casa, decidi que seria mais dura com o seu aluno, que não ofereceria mais material a ele e sim colocaria em qualquer superfície que ele estivesse perto, ele não chegaria mais nem perto de um computador e que ia sim mostrar imagens e sinalizar ele olhasse ou não, que as expressões para ele seriam mais sérias.

Como era de se esperar mais um mês frustrante estava vindo pela frente, tudo só piorou, no fundo eu sabia o porquê, mas mesmo todos vendo toda insistência com o aluno, mesmo percebendo o cansaço em estar correndo atrás dele nos corredores da escola, em tentar tirar a computador dele, e ele cada vez mais agitado e esquivo para meu lado, os comentários por parte de alguns por minha suposta incompetência só aumentavam.

Esses dias de rigidez duraram um mês e três semanas, nisso tudo já somavam dois meses e três semanas sem avanço algum, afetivamente eu estava cansada, frustrada e de certa forma estressada, o aluno mais ainda se for considerar toda a sua trajetória escolar e questões que envolvem as deficiências que este possui. (Diário de Bordo, 2019)

Toda aquela situação começou afetar ambos negativamente, o que me fez pensar em desistir, não aguentava mais não ver nada fluir, não aguentava mais estar naquela mesa do pátio que por sinal era terrivelmente quente o ambiente devido ao sol, por ele não querer ficar em sala de aula, não aguentava a culpa da incompetência que já estava decretada no pensamento. E o aluno muito menos me aguentava, quando me via fazia de tudo para não estar perto.

No meio de toda essa situação, numa sexta-feira a voltei da escola para casa decidida a não voltar mais, pois comecei a pensar que não conseguiria nada com ele, chorei e falei com algumas pessoas de confiança sobre as angustias e passei o fim de semana quase certa que não era para mim ajudar no mínimo de avanço naquele aluno. Duvidando de mim, se de fato era a profissão que queria seguir, a falta de uma boa relação com o aluno me fez duvidar muito mais da minha capacidade para a docência, do que da capacidade que o aluno tinha em aprender.

Na segunda-feira os pensamentos que me afetavam ainda eram negativos, de desistência. Mas como em uma luz que surge no fim do túnel, começaram a surgir pensamentos sobre como tinha sido toda a vida escolar de Erasmo, que até aquele ano nunca havia de fato estado na sala de aula de forma permanente, as aulas não tinham sentido para ele, dificilmente havia algo visual para facilitar o entendimento, seus colegas só se comunicavam mais gritando e alguns, vez ou outra com expressões que para ele era de sentimentos ruins, o uso do computador era muito flexível para ele, não é que eu queira romantizar o contexto vivido pelo o aluno, mais pensar naquilo me fez refletir sobre como o aluno era afetado por toda essa realidade.

Aconteceu uma sensibilização, sendo possível começar a perceber que toda a ansiedade, preocupação no que as pessoas iam falar e pensar não valia de nada, se eu fui afetada em dois meses e três semanas com aquela situação imagine ele que já tinha toda sua vida escolar praticamente da mesma forma e que a maneira que estava se permitindo ser afetada não estava pesando negativamente só para mim quanto professora, mais estava refletindo também negativamente de forma dura no processo de ensino aprendizagem do aluno.

O meu filtro afetivo e do aluno estava cheio, por ver que minha prática não estava movimentando o processo de aprendizagem do aluno, por estar frustrada comigo mesma, por estar emergida em uma ansiedade enorme de fazer dar certo, de querer ver se desenvolver, enquanto o aluno estava extremamente estressado e sem confiança em mim, por tudo o que antecedeu antes e durante daquele presente momento. Por isso ambos não recebiam mais nada e as expectativas para novas possibilidades eram mínimas.

A partir de tudo que afetou os participantes dessa pesquisa, é que se percebe que o afeto é necessário e não essencial na sala de aula. Não dá para se desvincular do que dos que nos afeta, antes de existirmos para o outro já somos alguém afetados por diversas situações, palavras e gestos. Afeto, afetividade e prática afetiva é uma imensidão, saber equilibrar na sala de aula é determinante para o sucesso ou frustração entre professor e aluno.

O afeto necessário para a esfera escolar, não é o afeto que torna o aluno um coitadinho, a forma que se afeta qualquer aluno, principalmente quando se tem deficiência intelectual e auditiva como o aluno em foco é preciso ser muito bem pensada, não é correto pensar que pelas necessidades que o aluno tem não se possa contrariá-lo nunca, porém muito menos é correto abusar da rigidez, a forma que se chega ao aluno deve ser da forma mais leve possível, com o amor e vontade de conquista como quando se deseja um homem ou uma mulher que agrada aos olhos, coração e afetos, como explica Freire (2004, p.2):

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

São nas relações entre professor e aluno, com a troca que o aluno consegue aprender e ter consciência das possibilidades que existem na sala de aula. O que é descrito aqui só foi percebido através da afetividade que envolveu essa experiência.

É que também quando a rigidez se apresentou muito na prática não estava dando espaço para o filtro afetivo dele baixar, então dei uma respirada, passei a semana sendo neutra com ele, fui estudar mais sobre deficiência Intelectual e pensar em novas estratégias que ajudassem ele tanto nas necessidades que ele tinha, principalmente na intelectual que era onde eu encontrava o maior bloqueio, talvez

por meu pouco conhecimento. O próximo item nos traz uma análise de como as estratégias passaram a ser desenvolvidas para o aluno.

5.1 SENTIMENTOS E ENSINO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA

As estratégias começaram a serem desenvolvidas, estudei mais sobre o comportamento de pessoas que tem deficiência intelectual, o comportamento de Erasmo correspondia a tudo que estudava sobre. Os estudos comprovam que pessoas com deficiência Intelectual tem sempre alguma habilidade própria, sempre é muito bom em algo.

Erasmo além de gostar de assistir vídeos, entendia muito sobre manusear o computador em diferentes funções, a primeira estratégia foi conseguir através do uso do computador conquistar um pouco da atenção dele, então inicialmente foi necessário ceder para que ele assistisse seus vídeos, passando a sinalizar os objetos que apareciam nos vídeos e jogos que ele gostava, inicialmente quando apontava para a tela do computador ele ainda se esquivava temendo que o impedisse continuar manuseando.

Aos poucos o aluno foi me dando um pouco de confiança, com a porta se abrindo, na brechinha que aparecia fui começando a sempre antes de Erasmo ter domínio sobre o computador a mostrar vídeos com conteúdo em Libras, iniciei mostrando o vídeo do alfabeto já que esse nunca antes havia tido contato com a língua de sinais, ele rejeitava muito, então quando percebia que ele estava ficando agitado deixava ele escolher os vídeos de sua preferência, não demorou muito e aos poucos foi possível fazer negociações com o mesmo sobre o uso do computador.

Porém, ele ainda não havia aceitado nenhum material então foi necessário se pensar em uma nova estratégia para isso. Começando então, a quando ele chegava na escola e ia para sala que havia o computador, apontar a porta e sinalizar que não podia, claro que nos primeiros dias ele se embirrou, as vezes até entrava na sala mais logo saía e ficava na mesinha do pátio, passei então a sempre ter nas mãos um alfabeto, onde sempre que ele me cedia um olhar eu sinalizava para ele a letra, havia dias em que ele ficava muito agitado, virava as costas, andava pelos os corredores sendo necessário ficar atrás dele com o alfabeto, até que aos pouquinhos

ele começou a querer sinalizar uma letra ou outra, e quanto ao alfabeto foi fluindo, em seguida foi sendo introduzido os números.

Para ensinar a Erasmu foi necessário começar pelo básico porque ele nunca havia se permitido estudar qualquer conteúdo que fosse. Na insistência de estar na mesa do pátio com ele e andar nos corredores, foi possível aos poucos negociar com Erasmu que se ele entrasse na sala, esperasse um pouco, depois ele poderia usar o computador, havia vezes de não conseguir, mais as vezes que ele entrava na sala de aula, sentava e ficava um pouco passou a ser mais frequente, quando ele se cansava sinalizava para ter calma, as vezes era atendida outras não, mais sempre cumpria minha promessa de deixar ele usar o computador, nem que fosse uns 20 minutos, porém sempre negociando, que primeiro seria meu vídeo, depois o dele.

Cada vez mais Erasmu foi me dando confiança e seu tempo dentro da sala de aula aumentou, onde dias saia, mais logo retornava, e cada vez a relação entre professor e aluno foi melhorando e então aos quatro meses e alguns dias de convivência Erasmu recebeu de minha mão um lápis, aquilo foi a coisa mais linda e emocionante que até então havia vivido com ele, o mesmo recebeu olhou e entregou de volta, deu um sorriso e saiu, naquele momento foi possível perceber através da prática afetiva que muita coisa linda ainda ia acontecer, que seria possível explorar muito muito naquele aluno. (Diário de bordo, 2019)

Os dias foram passando e novamente ele aceitou um lápis, aos poucos uma folha, mais um pouco passou aceitar um lápis de cor, borrachas, colas e mais Libras. Passei então a introduzir na rotina com ele imagens de objetos do seu cotidiano, animais que possivelmente tinha em sua residência que por ser da zona rural automaticamente tem mais esse convívio, imagens do seu cotidiano, usava objetos, jogos com imagens, havia alguns adaptados em Libras na sala do AEE sempre pegava emprestado, normalmente era aulas com coisas bem iniciais mesmo, pois Erasmu não era alfabetizado nem em Libras nem em Português.

A comunicação melhorou muito quando a professora passei a fazer uso da prática afetiva, Erasmu começou a compreender sinalizações simples e sinalizar sinais básicos também, como água, banheiro, computador, poder e não poder, a maioria das letras do alfabeto, só tinha mais dificuldade em sinalizar as letras 'E', 'F', 'T', 'W' e 'M' por sua dificuldade na coordenação motora devido a deficiência intelectual, por esse motivo, foi necessário usar com mais frequência uns lápis adaptados para pessoas com dificuldade na coordenação motora que havia na sala

do AEE, as atividades foram sendo elaboradas de forma simples, dar para recordar da felicidade que foi quando ele pontilhou o nome dele e depois sinalizou as letras em Libras, foi lindo!

A permanência na sala de aula aumentou com o passar dos dias, normalmente quando encontrava uma forma de elaborar determinada atividade feita pelo professor do dia de forma simples, adaptava, mais quando eram conteúdos mais complicados normalmente fazia algo por conta própria. Porém na medida que Erasmo foi estando mais em sala de aula, foi sendo possível alguns professores o visualizar mais e acontecia de as vezes trazer suas próprias atividades adaptadas e em outras perguntava como adaptar.

As atividades planejadas eram de conteúdo de cores, números, entre outros. Uma das atividades mais significativas que considero ter feito para ele foi sobre a família, onde solicitei a sua mãe foto das pessoas que conviviam com ele e qual era o parentesco de cada uma, fiz a impressão, colocando o nome do parentesco ao lado e sinalizar para ele, até hoje quando ele por chamada de vídeo. pergunta onde está cada um ele sabe identificar.

Outra também foi sobre sentimentos utilizando os *emojis* do *WhatsApp*, onde ele consegue expressar um pouco da emoção, por exemplo quando é atendido na chamada do *WhatsApp* envia emojis que expressam alegria e satisfação, quando não é coloca emojis que expressam raiva e insatisfação.

Da metade para o fim do ano letivo, Erasmo demonstrou um comportamento totalmente diferente do inicial, se tornou mais calmo, as vezes perguntava se podia ou não entrar em algum local, em muitas se houvesse um ambiente com mais pessoas e fosse pegar algo ou sair do local olhava me olhava, como se ali fosse a pessoa que fosse entende-lo, passou a sempre apontar para as coisas e esperar a sinalização e repetia sinalizando também, tinha o costume de todos os dia comprar uma pipoca e um sorvete, quando era a professora estagiária que estava com ele sinalizava 'PIPOCA', 'SORVETE' e 'DINHEIRO'.

Foi um ano de muitas emoções e alegrias, um desabrochar, muitos avanços para mim quanto professora e para ele quanto aluno, os momentos de frustrações serviram para refletir sobre a prática. A prática afetiva de fato transformou toda a vida escolar desse aluno e a perspectiva da professora sobre a docência. Ambos como já foi explicado anteriormente, foram afetados e modificados pela a prática docente afetiva.

Larrosa (2002) no texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” nos convida a refletir sobre o que significa de fato a experiência, as pessoas acreditam e costumam dizer que aprendem com a experiência e que durante a vida vivenciam muitas durante a vida, o autor enfatiza:

A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. (LARROSA, 2002, p. 22).

Para o autor, a maioria das pessoas associam a experiência a trabalho ou fatos cotidianos, conhecer outros lugares. Larrosa explica que a experiência tem sido cada vez mais difícil acontecer no mundo onde cada vez mais as pessoas correm e que vivem cada vez mais ansiosas em viver as coisas vem depois do momento em que vivem no presente, para o mesmo experiência não é o que nos acontece rotineiramente e as muitas informações que nos chegam com o passar dos dias, isso não os fazem sujeitos da experiência e sim sujeitos da informação.

Para ele o sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”, ou seja, para ser um sujeito da experiência é necessário estar consciente que em algum momento se pode errar, e acontecer algo diferente do que se espera, para o autor experiência é se emergir na situação e ser tocado.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (LARROSA, 2002, p.21).

Refletindo as ideias do teórico, eu quanto a autora da pesquisa me sinto sujeito da experiência, pois ao longo do processo com o aluno, errou, sentiu insegurança, vontade de desistir, cansada, tocada e desde então transformada de alguma maneira, como também acredito ter acontecido com o aluno. Podemos ver as possibilidades que a prática afetiva trouxe ao aluno, mas precisamos entender o que de fato é o afeto que educa, vamos ao próximo item.

5.2 O AFETO QUE EDUCA

Quando pensamos ou falamos a palavra afeto, lembramos de cuidar e tratar determinada pessoa de forma carinhosa, se formos adequar essa forma de afeto no nosso dia a dia quando estamos na rua, em algum lugar de lazer ou em casa com nossa família, esse afeto é o ideal para uma boa convivência entre as pessoas.

Porém, se pensarmos no afeto relacionado a prática docente, precisamos rever qual é de fato o afeto necessário para ser significativo para a sala de aula, apesar de ser escassamente valorizado no âmbito educacional, a afetividade é boa aliada e importante para bons resultados, o professor afetuoso não torna de forma alguma o aluno um coitado, que não sabe, que não pode fazer por isso ou aquilo, mesmo que o aluno tenha alguma dificuldade ou limitação, o professor instiga esse aluno a aprender, procura e cria estratégias que abram caminhos para esse aluno aprender, o tornando mais autônomo.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito meio abrangente no qual se inserem várias manifestações (WALLON 1979 *apud* GALVÃO, 2003, p.61).

O afeto que educa é capaz de derrubar muitas barreiras que possam existir entre o professor e aluno, torna o professor mais mente aberta e flexível sem precisar dizer sempre sim, sem a prática afetiva é bem mais difícil transformar certas situações, pois alcança a inteligência humana de uma forma inimaginável valorizando cada sentimento contribuindo no processo de ensino aprendizagem.

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre 'seriedade docente' e 'afetividade'. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e 'cinzento' me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (FREIRE, 1996, p. 159).

Ainda existe professores que acham que para ter poder e manter a moral na sala de aula necessita ser um durão de forma fechada. Segundo o autor dar para ser um bom professor que tem o respeito de seus alunos e que ainda assim possa ser amigos dos mesmos, ficar distante, sem nenhuma forma de afeto com os alunos só dificulta o processo, o afeto que educa desconstrói a figura do professor com uma figura que deve estar no seu lugar, sem conversar com seu aluno, o afeto que educa

de fato educa o aluno a respeitar seu professor e professor aluno, facilitando relações e o ensino aprendizagem, pois incentiva ao aluno a muitas possibilidades e faz do professor um ser mais flexível e reflexivo sobre sua prática.

Quando o professor compreende o afeto que educa e sua importância, muita coisa muda na sala de aula, suas práticas são pensadas e repensadas de acordo com cada aluno, refletindo sobre êxitos e não êxitos. Na experiência descrita foi possível perceber os avanços consideravelmente rápidos do aluno através do “afeto que educa”. No próximo item a autora convida a fazer uma reflexão sobre a experiência que vivenciou e lhe ressignificou.

5.3 AUTO REFLEXÃO DA EXPERIÊNCIA

Este item traz uma auto reflexão da autora e algumas considerações sobre o professor reflexivo que reflete na ação e sobre a reflexão na ação. A reflexão na ação está muito conectada a afetividade, refletir sobre como acontecem as aulas e como anda o desenvolvimento de cada aluno é flexibilizar e sensibilizar as nuances que a sala de aula pede.

Para Perrenoud (2002) o professor precisa aprender a reinventar seu plano de ação e reconhecer que esse reinventar é necessário para que ele possa entender que a aprendizagem é complexa e exige esforços. Aprendizagem exige muito mais que um plano, planejar é importante, mas as vezes replanejar também, nem sempre uma aula planejada será adequada, algumas vezes precisa passar por modificações, ensinar é se desdobrar, pois a docência tem muitas surpresas, refletir sobre a prática é uma boa alternativa para uma prática docente afetiva.

O professor reflexivo é afetivo e o professor afetivo é reflexivo, pois sempre procura melhorias para sua sala de aula e seus alunos, é compreensível e acredita que além de ensinar aprende com o seu aluno, para ser esse professor as vezes é preciso questionar a si mesmo, como sugere Antunes (2008, p. 31):

O que minhas práticas dizem sobre meus valores e crenças sobre ensino? De onde essas ideias vem? Que práticas sociais são expressas nessas ideias? O que eu faço para manter minhas ideias? Que pontos de vista de poder elas encarnam? Quais interesses por minhas práticas? O que é que age para restringir minhas ideias sobre o que é possível no ensino?

Às vezes questionar a si mesmo mostra um novo caminho de uma prática docente a ser seguido, pensar e repensar com objetivo de melhorar o desenvolvimento e empenho como professor, não adianta o professor querer levar para a sua sala de aula práticas que não trazem significado algum, que não cabem na realidade.

A possibilidade que a prática reflexiva traz, é a presença da afetividade em sala de aula, um dos caminhos para isso é refletir pensando no outro, em como se afeta o outro e o que quer ser para o outro, permitir a si e ao outro sentir o que se permeia no cotidiano escolar, experimentar cada experiência.

Ao fazer uma reflexão sobre a prática, eu senti que de fato consegui vivenciar a experiência na sua profundidade, pois, durante o processo fiquei frente a frente com minhas fraquezas e inseguranças, precisei me reinventar, repensar e fazer mudanças, como também senti a magia de experimentar a prática afetiva para o ensino aprendizagem de um aluno deficiente intelectual e auditivo.

A experiência para mim teve uma carga afetiva gigantesca, de fato fui tocada e modificada a cada avanço que o aluno demonstrava ter. Imagino que para o discente também não foi diferente, olhando para o aluno de antes e de agora, percebe-se que esse também foi afetado com mudanças que a prática afetiva e reflexiva proporciona, o aluno demonstrou aprender e criar gosto pela aprendizagem e isso é o maior êxito que eu quanto professora poderia alcançar, depois dessa experiência jamais poderia ser a mesma, passei a acreditar mais que é possível sim, romper barreiras e acessar territórios que até certo tempo eram inacessíveis.

6 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Através da pesquisa foi possível perceber o quanto a afetividade é indispensável na vida das pessoas. Muito cedo vamos tendo contato com a afetividade sem nem mesmo saber o que significa e é através dela que vamos nos tornando o sujeito que somos.

Importante em todas as esferas, na sala de aula a afetividade também é um divisor de águas no nosso desenvolvimento, a afetividade nos lembra o quanto as relações são importantes para nossa vida.

Mediante as leituras e prática refletida percebemos que o afeto docente valoriza as habilidades que cada aluno tem: capacidades, respeito aos limites e possibilidade de avanços. A afetividade no ensino aprendizagem é uma grande aliada, pois encurta distâncias, principalmente quando o aluno possui deficiências como o aluno em estudo.

Com a experiência vivenciada, constatamos que através da afetividade foi possível uma aproximação do aluno a professora e esse passou a se sentir mais seguro e a se permitir aprender, quebrando bloqueios que o mesmo tinha devido toda sua vida na esfera escolar. Vimos através desse estudo que a afetividade foi uma grande modificadora na vida do aluno em foco, através da mudança na socialização, e por tudo que o aluno passou a permitir vivenciar no âmbito escolar.

Sugerimos para a expansão da prática docente afetiva que se estude e utilize muito mais a afetividade em sala de aula para se desfazer as visões distorcidas sobre essa prática, pois o uso equivocado pode trazer grandes problemas para docente e discente. O professor afetivo não é o professor que cede a tudo que o aluno quer, mas que tenta compreender da melhor maneira possível quem ele é e suas necessidades.

Com a pesquisa, vimos alguns pontos negativos que o processo afetivo inadequado pode trazer para o professor e alunos, comprometendo o bem estar entre os dois, mas também vimos o quanto quando o processo acontece de maneira adequada pode trazer bons e satisfatórios resultados.

Investigar a importância da afetividade no processo de ensino/aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual e auditiva, conhecer a contribuição da afetividade em sala de aula, refletir as implicações da prática pedagógica afetiva na aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual e auditiva pode contribuir para a efetivação da afetividade na aprendizagem de alunos com deficiência.

A experiência descrita tem muito significado para a autora que cresceu muito pessoalmente e profissionalmente e, viu diante de seus olhos uma realidade transformada, que não é e jamais será a mesma. Diante disso, vemos que o afeto pode trazer grandes transformações para a educação.

Concluimos que nem tudo a autora conseguiu acertar e que a pesquisa não irá resolver todas as lacunas que existem nas salas de aulas entre professor e alunos, mas com certeza conseguirá contribuir para o repensar sobre o que é uma prática mais leve e significativa. Esperamos que a pesquisa seja para o mundo pelo menos uma gota de força para efetivação da prática docente afetiva nas escolas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto N 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 22 out 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BONDÍA, Jorge Larossa, **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGLIARDI, C.; BARRELLA, F. F. (1986). Uso da informática na educação do deficiente auditivo: um modelo metodológico. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), **Anais da XVI Reunião Anual de Psicologia** (pp. 120-123). Ribeirão Preto: SBP

GALVÃO, I. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento).

HONORA M.; FRIZANCO M. L., **Esclarecendo as deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva**. Ciranda Cultural, 2008. Disponível em: Significado do nome Erasmo. Acessado em: 14/09/2021.

KRASHEN, Stephen. **The Input Hypothesis**. issues and implications. Harlow: Longman, 1985.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. (p.11-34 e 51-69).

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológica em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes – UNESP – spazziani@ibb.unesp.br GT: **Educação de Crianças de 0 a 6 anos** / n.07 Agência Financiadora: SEE-SP

VASCONCELOS, M. M. **Retardo mental**. Jornal de pediatria, Porto Alegre, v. 80, n.2, p. S71-S82. Abr. 2004.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

YIN, R.K. (2009) **Case study research, design and methods (applied social research methods)**. Thousand Oaks. California: Sage Publications.